

# Difusão de notícias econômicas no território brasileiro: rumos da globalização

**Wagner Wendt Nabarro**  
wagner.wn@gmail.com  
FFLCH - USP

**Palavras-chave:** jornalismo econômico, território brasileiro, informação.

Sendo atualmente responsável pela disseminação do conhecimento sobre economia nacional e internacional, mas também participante das dinâmicas políticas nacionais, regionais e locais, o jornalismo econômico apresenta extrema importância em um período no qual temos a informação e as finanças como variáveis preponderantes. Por meio do entendimento dos fluxos noticiosos é possível observar aspectos relevantes das mudanças da estrutura econômica e comunicacional do território brasileiro no século XX. Sendo assim, pretendemos realizar uma breve retomada da consolidação do jornalismo econômico no território brasileiro, buscando compreender o processo de sistematização da atividade e seu papel na globalização.

A concepção do jornalismo econômico é fato essencial para a compreensão das mudanças que se seguiram no contexto brasileiro. Quintão (1987, p. 25) o define como “difusão dos fatos e temas relacionados com economia e setor de finanças”, mas Kucinski (1996, p. 21) acrescenta que, ao contrário do jornalismo genérico, não reporta apenas episódios anômalos, mas “processos e sistemas são igualmente objetos de interesse”. É imprescindível notar que a mídia não nos dá propriamente o fato, mas uma interpretação (SANTOS, 2001), e a forma e o conteúdo transmitidos são sempre imbuídos de ideologia, uma vez que são a expressão e a interpretação de um modelo econômico dentro de um modo de produção. A lógica de aceleração e eficiência de conteúdos, por exemplo, pode levar, segundo Kucinski (1996), à fetichização de acontecimentos econômicos e à obscuridade da ligação entre episódios e processos. Moretzsohn (2002) atribui a esse atual fetiche da velocidade uma despreocupação geral no jornalismo em relação aos conteúdos transmitidos. Dois momentos são destacados por fortes conteúdos ideológicos

no jornalismo econômico brasileiro: o redirecionamento das discussões políticas para um discurso racionalizador nos anos 1970 (QUINTÃO, 1987) e o discurso neoliberal nos anos 1990 (PULITI, 2009).

Se entendemos, assim, o jornalismo como expressão de um modo de produção em um atividade midiática, também buscamos entender sua distribuição no território brasileiro sob a óptica da formação socioespacial (SANTOS, 1982) brasileira. É por meio dela que entendemos que as informações econômicas que passam a circular com cada vez mais frequência no Brasil integram o estabelecimento do meio técnico-científico informacional (SANTOS, 1996), seus meios de transmissão situando-se na Região Concentrada (SANTOS; SILVEIRA, 2001) e, especialmente, em São Paulo<sup>1</sup>, que exerce, por meio dessa densidade informacional e pelos diversos serviços associados às finanças e à informação, sua contemporaneidade (SILVA, 2001).

Embora o jornalismo econômico tenha se pautado de início em núcleos regionais, não há dúvidas dessa tendência concentradora que, como analisa Pred (1977, p. 69), já estava presente na era pré-telegráfica, em que as notícias sobre economia estavam disponíveis “mais prontamente nas maiores cidades a nível nacional”. A lógica das informações econômicas seguia em especial os locais dotados de maior densidade transacional, em especial locais cujas trocas envolviam partes distantes e estrangeiras. Para Labasse (1974), a “circulação de capitais se organiza num sentido único, em detrimento das províncias e em favor das metrópoles” que, assim, serão os principais centros de atuação do jornalismo econômico, funcional às atividades mais concentradoras de capital.

Em um esforço de compreensão das diversas dinâmicas da atividade, lançamos mão do recurso da periodização para a compreensão da difusão do jornalismo econômico pelo território brasileiro, avaliando as seguintes etapas:

---

<sup>1</sup> As 12 publicações nacionais voltadas para economia ou finanças listadas pelo Instituto Verificador de Circulação (2013) são todas editadas em São Paulo. Entre elas, consta um único jornal especializado, o Valor Econômico, e a revista Exame, que também é responsável por uma série de publicações secundárias.

**Quadro 1.** Periodização do jornalismo brasileiro

Período	Topologia	Característica	Elementos
Pré-1950	Local/ Regional	Latência	Notas comerciais e “jornais do commercio”
1950-70	Regional/ Nacional	Consolidação	Cadernos de economia; revistas; boletins
1970-90	Nacional	Despolitização	Cadernos com editoria própria; Gazeta Mercantil; revista Exame; revistas internacionais
1990-atual	Nacional/ Internacional	Financeirização	Revistas nacionais e internacionais; cadernos de economia; <i>websites</i> ; Gazeta Mercantil (extinta) e Valor Econômico

Organização própria baseada em Puliti (2009), Quintão (1987), Kucinski (1996).

O jornalismo econômico, descreve Puliti (2009), se configurava, até o início do século XX, “voltado às necessidades do perfil agrário-exportador”, baseado em pequenas notas comerciais e voltado a questões locais. Tal configuração de uma atividade funcional aos investidores e demais agentes econômicos condiz com a descrição de Contel (2006, p. 291), para quem a vida regional dominou, por muito tempo, o uso financeiro do território brasileiro.

Observa-se uma progressiva ampliação das escalas de circulação, de início restrita às grandes metrópoles. A incorporação das informações em grandes jornais através, principalmente, dos cadernos de economia<sup>2</sup>, é um dos fatores de maior promoção dessa circulação mais ampla. Essa incorporação também amplia o público, inicialmente composto apenas por comerciantes e investidores; esse é um processo importante por meio do qual, pouco a pouco, a economia passa a ser parte integrante do cotidiano popular. Podemos identificar nessa mobilização de conteúdos econômicos, em especial naquela relativa à financeirização do noticiário econômico (PULITI, 2009), a formação de uma psicofera (SANTOS, 1996) que antecede e busca embasar a financeirização da vida cotidiana e a

<sup>2</sup> A criação dos cadernos se deu nos anos 1950 (QUINTÃO, 1987) pela criação de suplementos dos grandes jornais como Folha de S. Paulo, Estado de São Paulo e Jornal do Brasil, resultado da progressiva incorporação de analistas e “entendidos” de economia no corpo editorial; posteriormente, a partir dos anos 1970, ocorre a ampliação dos cadernos (KUCINSKI, 1996) com a criação de editorias próprias e a progressiva diminuição da autonomia dos repórteres.

proliferação de instrumentos financeiros, tendo como um dos episódios-chave o grande envolvimento entre a mídia de ampla difusão e a inflação do início dos anos 1990.

Também é crescente a aparição das agências globais de notícias no noticiário econômico, com destaque para a tradicional Reuters, que já enviava pequenas notas de economia internacional desde os primórdios do jornalismo brasileiro, e para a Bloomberg, de surgimento recente e crescente atuação no país. A nível nacional, destaca-se a Broadcast (SILVA, 2002), pertencente à Agência Estado, que fornece informações financeiras em tempo real através de seus terminais. De fato, as grandes agências de informação financeira vêm ocupando funções previamente cumpridas por jornais e revistas ao fornecer a investidores e comerciantes dados econômicos instantâneos que permitem agir rapidamente no mercado. Difundem, dessa forma, as técnicas relacionadas à finança tornada global, com acontecimentos macroeconômicos suplantando cada vez mais aqueles regionais e locais nos cadernos e revistas de economia.

### Referências bibliográficas

268

- CONTEL, Fábio. **Território e finanças:** técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — Departamento de Geografia — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- KUCINSKI, B. **Jornalismo Econômico.** São Paulo: Edusp, 1996.
- LABASSE, J. **L'espace financier:** analyse géographique. Paris: Armand Colin, 1974.
- MORETZSOHN, S. **Jornalismo em “tempo real”:** o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2002.
- PRED, A. **Sistemas de cidades em economias adiantadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- PULITI, P. **A financeirização do noticiário econômico no Brasil (1989-2002).** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- QUINTÃO, A-S. F. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964.** Rio de Janeiro: Agir, 1987
- SANTOS, M. Formação Espacial como teoria e método. In: SANTOS, M. **Espaço e Sociedade:** ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, J. de P. **A Broadcast, o mercado financeiro e a cobertura de economia da grande imprensa. Dissertação (Mestrado em Comunicação)** – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

SILVA, A. M. B. **A contemporaneidade de São Paulo: produção de informações e novo uso do território brasileiro.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.